

As origens da CUT

The origins of CUT

Hélio da Costa*

Resenha do livro: NASCIMENTO, Claudio; RODRIGUES, Iram Jácome; SANTOS, João Marcelo Pereira dos; CASTRO, Maria Silvia Portela de; SILVA, Sandra Oliveira Cordeiro da (org.). **A geração que criou a CUT** – A história contada por quem a faz. São Paulo: Editora Annablume, 2023.

Palavras-chave: sindicalismo-CUT; novo sindicalismo; sindicato e ditadura.

Keywords: Unionism-CUT; New Unionism; Unionism and Dictatorship.

HÁ 42 ANOS, entre os dias 21 e 23 de agosto de 1981, ocorreu, na Praia Grande, cidade do litoral paulista, a 1ª Conferência Nacional da Classe Trabalhadora – Conclat. Foi o maior encontro de dirigentes sindicais ocorrido no país desde o início da ditadura militar em 1964.

A conferência contou com mais de cinco mil delegados(as) do campo e da cidade, do setor público e privado, representando 1.091 entidades sindicais de todo o Brasil, incluindo as oposições sindicais. Uma das principais deliberações no último dia do encontro foi a eleição da Comissão Nacional Pró-CUT com objetivo de encaminhar as ações para a fundação de uma futura Central Única dos Trabalhadores – CUT.¹

A CUT deveria ter sido fundada em 1982, mas divisões internas na Comissão Pró-CUT tornaram essa deliberação que se realizou somente em 28 de agosto de 1983, uma data especial para a classe trabalhadora brasileira. A CUT é a mais importante experiência nacional de organização sindical combativa construída pela classe trabalhadora brasileira ao longo de sua história. Desde a sua fundação, teve um papel fundamental nos momentos decisivos da história política do país.

* Graduado em História pela PUC-SP; Mestre em História Social do Trabalho pela Unicamp; Doutor em Sociologia do Trabalho pela Universidade de São Paulo (USP). É autor do livro *Em busca da memória: comissões de fábrica, partido e sindicatos no pós-guerra*, em 1995, e de vários artigos sobre sindicalismo. Atualmente é coordenador do Departamento de Estudos do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. E-mail: dacostah165@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0113-2200>.

1 Em 1984, foi publicado pela CUT um documento em formato de revista sobre a fundação da central, em que constam dados importantes sobre a Conclat de 1981 (p. 13-45), as divergências da Comissão Pró-CUT (p. 55-77) e do I Conclat de 1983 (p. 78-203). *I Conclat – I Congresso Nacional da Classe Trabalhadora*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença Editora Ltda., 1984.

Essas quatro décadas da CUT são uma conquista e um patrimônio da classe trabalhadora brasileira e precisa ser celebrada como tal. Esse é o propósito do livro *A Geração de criou a CUT – a história contada por quem a faz*, reunindo 30 entrevistas com dirigentes que a construíram. Foram mais de 50 entrevistas em dois anos (março de 2021 a agosto de 2023), transcritas em 1.295 páginas. Esses números mostram o esforço dos organizadores para sistematizar esse repertório de muitas histórias que foram contadas no livro publicado em dezembro de 2023. Ainda como resultado desse trabalho, foi produzido pelos organizadores um vídeo com o mesmo título, com 52 minutos de duração que está disponível no *Youtube*.

O resgate dessas trajetórias de militantes e dirigentes sindicais deve ser entendido como “uma memória pulsante, que insiste em permanecer viva. Uma memória transportadora, que ao mesmo tempo, nos arremessa ao passado e nos puxa para o presente”, conforme, afirmam os organizadores do livro.

A obra abrange o período de 1978 a 1988, que vai da eclosão das greves no ABC à promulgação da Constituinte, embora haja mergulhos inevitáveis no tempo que extrapolam essa periodização. Dessa forma, somos conduzidos pelos nossos personagens às diversas situações e aspectos da luta sindical que fizeram parte do processo de construção da CUT.

Os entrevistados são de várias regiões do país, o que nos permite ter uma dimensão nacional do que foi a experiência sindical em diferentes categorias profissionais e setores da economia, que depois iriam convergir na fundação da central. Chama a nossa atenção como esses personagens em situações e em contextos tão diferentes nos lugares mais distantes do país acabam por se encontrar no fazer-se da luta sindical contra a opressão e a exploração, repercutindo a experiência da luta local na dimensão nacional.

As divergências que caracterizaram a Conclat, em 1981, entre os chamados “autênticos” e os membros da “unidade sindical”, são assinaladas pelos detalhados depoimentos que nos conduzem para as tensas negociações entre os membros dessas duas correntes, que se arrastavam pelas madrugadas adentro. Apesar das tensões, os delegados da conferência aprovaram uma pauta de luta e elegeram uma Comissão Pró-CUT, “que era ainda uma aposta na unidade”, uma Central Única que aglutinasse todas as correntes do sindicalismo.

O papel protagonista das mulheres na trajetória das lutas sindicais que precedeu a construção da CUT imprimiu uma marca de distinção na história da central. Elas estiveram presentes fazendo a luta sindical nas suas categorias, mas também enfrentaram e combateram o machismo e o preconceito no meio sindical. As primeiras gerações de mulheres cutistas aliaram a luta geral da classe trabalhadora com a emancipação das mulheres. Elas deixaram esse legado para as futuras gerações, que ainda continuam a sua luta contra a discriminação de gênero no cotidiano da luta sindical. O papel de relevo das jovens dirigentes rurais também não passou despercebido no processo de luta pela terra na construção da central.

Com a vitória dos militares, em 1964, a esquerda mergulhou numa crise profunda, especialmente o Partido Comunista Brasileiro (PCB), agravada pela repressão aos seus

quadros. O movimento sindical foi duramente reprimido, assim como todos os movimentos sociais de esquerda juntamente com a perseguição às suas lideranças.

Diante de derrotas tão marcantes, havia necessidade de construir novas pontes com o povo e retomar a luta contra a ditadura. Uma das principais pontes foi construída pelas pastorais operárias no campo e na cidade, tornando-se um dos principais espaços de ação e de formação política de um significativo número de dirigentes sindicais, denominados de “autênticos”, que tomariam para si a tarefa de construir a CUT. Muitos desses militantes tiveram papel de destaque nas oposições que viriam a conquistar muitos sindicatos que fariam parte da central. A oposição metalúrgica de São Paulo, embora não tenha assumido a direção do sindicato, teve um papel importante nos embates sobre o projeto sindical cutista, além de comandar a greve da categoria, em 1979, de repercussão nacional. Uma das ideias-força que orientava grande parte das análises sobre o sindicalismo que desembocou na fundação da CUT era que esta representava uma ruptura com o passado, mais precisamente, com o sindicalismo predominante no período de 1930 a 1964, considerado um período marcado por relações de cooptação de classe pela burocracia sindical ou controlado por correntes da esquerda, leia-se PCB, que impunham sua estratégia política independente da participação dos trabalhadores do chão de fábrica.²

A capilaridade nacional das pastorais permitiu uma circulação e intercâmbio entre militantes e dirigentes de várias regiões do país, que talvez fosse improvável se não houvesse um polo aglutinador que possibilitasse esses encontros. A educação popular levada adiante pelas pastorais procurava combinar uma leitura crítica da realidade com a *práxis* transformadora nas fábricas, nos bairros, no campo ou em qualquer lugar onde fosse possível desenvolver uma ação militante através do método “ver-julgar-agir”, tão popular nos anos 1980 e mencionado por vários ex-dirigentes como um período de formação de base muito consistente com cursos, seminários, encontros que se proliferavam por todo o país num contexto crescente de agitação política.

O Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical (Entoes), ocorrido em 1980, foi um marco importante para a afirmação da luta pela “liberdade e autonomia sindical”, como um emblema do novo sindicalismo, e, mais futuramente, da CUT, como nos chamam a atenção vários depoimentos. Uma questão política, porém, mobilizava a militância sindical mais combativa entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980: se a luta pela liberdade e autonomia sindical deveria ocorrer por dentro ou por fora da estrutura sindical. Nesse embate, setores dentro das oposições sindicais vislumbravam a organização

2 Ver WEFFORT, Francisco. As origens do Sindicalismo Populista no Brasil. **Estudos Cebap**, n. 4, abr.-jun. 1973. A ideia de ruptura com o passado protagonizada pelo “novo sindicalismo” que deu origem à CUT foi sistematizada por MOISÉS, José Álvaro. As estratégias do novo sindicalismo. **Revista Cultura e Política**, Rio de Janeiro, n. 5, 1981. Essa oposição radical entre velho e novo sindicalismo sofreu importantes revisões. Conferir em: FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da; COSTA, Hélio da; FONTES, Paulo. **Na luta por direitos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. RODRIGUES, Iram Jácome (org.). **O novo sindicalismo 20 anos depois**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

nos locais de trabalho, mais especificamente, as Comissões de Fábrica, como uma ação estratégica para romper com a estrutura sindical oficial. Por outro lado, tal perspectiva era interpretada como uma espécie de paralelismo sindical por alguns dirigentes que faziam a luta no interior da estrutura sindical, como nos relatam alguns ex-dirigentes.³

O esforço do núcleo combativo do sindicalismo, representado pela CUT, para que o princípio da liberdade e autonomia sindical, com o reconhecimento da Convenção 87 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), fosse incorporado na nova Constituição do país, promulgada em 1988, não logrou êxito, em função da resistência patronal e de setores do sindicalismo atrelados à estrutura sindical oficial, fazendo com que as bases do modelo sindical continuassem preservadas, apesar do novo contexto político e sindical do país. No entanto, essa derrota não tirou o protagonismo da CUT que, durante o processo constituinte, através das emendas populares, articulou os diversos movimentos sociais com o sindicalismo, permitindo importantes conquistas como o Sistema Único de Saúde (SUS), a criação dos Conselhos Populares, a redução da jornada de trabalho de 48 para 44 horas, entre outras pautas de interesse da classe trabalhadora.

A proposta para acabar com o imposto sindical atravessou vários congressos e plenárias da Central em discussões intermináveis, sem que fosse efetivamente aprovada e colocada em prática. Para alguns ex-dirigentes, faltou o *timing* certo para acabar com o imposto sindical. Para outros, o imposto sindical era um princípio que ninguém ousava contestar publicamente, mas que foi sendo adiado propositalmente até que acabou por perder força nos debates internos da central. O reconhecimento das centrais sindicais, em 2008, que permitiu o recebimento de parte do imposto sindical, praticamente congelou a discussão sobre essa questão no interior da CUT, malgrado o esforço de alguns dirigentes para reavivar essa discussão.⁴

A solidariedade internacional recebida pela CUT, ainda quando era um projeto político-sindical, foi um dos pontos altos no processo de construção da central. O novo sindicalismo, simbolizado pelas greves dos metalúrgicos do ABC, além da grande repercussão nacional como aglutinador de milhões de trabalhadores no Brasil, também chamou atenção da imprensa mundial e do sindicalismo internacional, cujo apoio teve uma importância política extremamente relevante, inserindo a CUT no cenário internacional desde a sua fundação. O III Congresso da Central, ocorrido em Belo Horizonte, em 1988, foi um divisor de águas na trajetória da CUT até então. Para a maioria dos entrevistados, a CUT precisava afirmar seu papel de central sindical e não se confundir com uma central de movimentos sociais. Portanto, precisava definir sua identidade sindical nas suas formas de organização e nas suas bandeiras de lutas. Para as correntes minoritárias, a CUT entraria, a partir de então, num processo de burocratização que limitaria o seu alcance político.

3 Esse debate foi analisado no calor dos acontecimentos por: MARANHÃO, Ricardo. Sindicato x Comissões de Fábrica. **Revista Cara a Cara**, ano I, n. 2, jul.-dez. 1978.

4 LADOSKY, Mario Henrique Guedes. **A CUT no governo Lula: da defesa da “liberdade e autonomia” à reforma inconclusa**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), USP, São Paulo, 2009.

Fatos curiosos, que acabaram sendo esquecidos ao longo do tempo também aparecem no livro, como uma tentativa de comprar a TV Manchete por parte da CUT, a partir de um estudo encomendado à assessoria econômica da central. O passo seguinte foi uma consulta à direção do jornal *O Estado de São Paulo*, que a princípio gostou da ideia e aceitou conversar sobre o assunto. Mas, o episódio mais curioso dessa história foi o encontro entre dirigentes cutistas com o todo-poderoso Roberto Marinho, na sede das Organizações Globo que disse, na ocasião, não se opor à iniciativa. O negócio não prosperou, segundo o relato, devido à oposição de Antonio Carlos Magalhães, ministro das Comunicações, indicado justamente pela Rede Globo.

Nestas breves notas, destacamos alguns dos aspectos presentes em *A geração que criou a CUT*, quase todos já analisados pelas ciências sociais, dada a relevância política que a CUT ganhou ao longo de sua existência.⁵ Mas, sem dúvida, as falas presentes no livro dão um aspecto documental que permite ao leitor alinhar os encontros e desencontros na engrenagem sindical que produziu a CUT.

Muita coisa mudou no mundo do trabalho e na sociedade desde a fundação da CUT, como os próprios entrevistados apontam a partir de diferentes prismas: a precarização do trabalho com a rápida expansão dos trabalhadores de plataforma digital, o trabalho em *home office*, a desindustrialização acelerada, a indústria 4.0, a sociedade 5G, a crise climática, a ascensão da extrema direita, as reformas trabalhista e da previdência, entre os muitos aspectos que atingem diretamente o mundo do trabalho e as entidades sindicais.

Os sujeitos que construíram a CUT têm plena consciência dos desafios cada vez mais complexos do presente e do futuro, ao mesmo tempo em que depositam confiança de que a semente plantada há mais de quatro décadas seja capaz de continuar germinando novos militantes e dirigentes, que continuarão o legado de ousadia e coragem das primeiras gerações. Que essa memória seja potente e pulsante como desejam os organizadores desse importante livro que reconstrói os caminhos percorridos por homens e mulheres, na sua maioria, muito jovens, que foram capazes de construir a CUT. A publicação desse rico repertório de testemunhos tornando-o público e acessível já faz de *A geração que criou a CUT* um clássico que não pode ser negligenciado pelos pesquisadores do sindicalismo brasileiro.

Recebido em: 13/05/2025

Aprovado em: 02/06/2025

5 Ver por exemplo: RODRIGUES, Iram Jácome. **Sindicalismo e política**: a trajetória da CUT. São Paulo: Scritta/Fapesp, 1997. OLIVEIRA, Roberto Vêras. **Sindicalismo e democracia no Brasil**: do novo sindicalismo ao sindicalismo cidadão. São Paulo: Annablume, 2011.